

# A MASCARADA DO SALS'S CLUB



*RAFAEL BORDALLO PINHEIRO*

O CARRO DA LOIÇA DAS CALDAS

## POR AHI...

### *Memento homo quia tremosca est...*

Isto da frase consagrada é como que uma especie de molho de pastelleiro: serve para temperar todos os pratos, desde a simples carne assada d'um sermão de cinzas até o apimentado serrabulho d'uma chronica de carnaval.

Ao auctor da sentença com que encimamos o nosso artigo—e, na ausencia do auctor, a seus respectivos e respeitaveis manes—pedimos desculpa da substituição de *pulvis* por *tremosca*; mas bem deve comprehender que, para o nosso caso, o *pulvis* não vem nada a propósito, ao passo que o *tremosca* está mesmo dizendo ginjas.

No tempo em que essa afamada sentença caía do pulpito abaixo, tinha o *pulvis* toda a razão de ser, visto como a animação dos carnavaes d'essa época se afe-ria especialmente pelo dividendo das fabricas de pós de gomma.

O illustre pregador, declamando para os seus frequentes: *memento homo quia pulvis est*, não queria mais de que dizer na sua: lembra-te homem de que és pó desde a cabeça até os pés e que precisas, por conseguinte (e por asseio) mandar esse corpo á infundição!

Ora, presentemente, já não militam as mesmas razões para que se imponha á humanidade o doloroso sacrificio d'um banho de tina.

Os pós de gomma passaram de moda, mercê dos editaes do governo civil, ao passo que o tremoço veiu substituí-los, mediante a iniciativa do *Turf Club*.

No momento em que escrevemos—meio dia de quarta-feira de cinza—não ha decerto em Lisboa uma unica pessoa que não tenha ainda alguns tremoços subrepticamente alapardados na farpella.

E por isso nós dizemos: *memento homo quia tremosca est*, que é assim como quem diz: lembra-te homem de que és tremoços desde a cabeça até os pés; despe-te, esquadrinha a roupa branca até os refegos das ceroilas, na certeza de que ainda has de encontrar um bom par de tremoços.

\* \* \*

A Avenida gentil aproveitou o dia de Entrudo para dar um cheque mortal no seu grosseiro competidor—o Chiado.

Emquanto este arremecava tremoços á cara dos transeuntes, espargia aquella violetas aos pés de quem passava.

Isto determinou, como era de prever, uma vasante muito sensível no Chiado e uma enchente immediata na Avenida.

Todos comprehenderam ser coisa preferível que nos encham o collo de flores a que nos valem um olho com tremoços.

A Avenida foi pois uma triumphadora—como actualmente se diz.

Triumphadora até o ponto de converter á religião da camelia os mesmos que, minutos antes, professavam a idolatria do tremoço!

Ora digam se não é verdadeiramente assombroso que que os socios do *Turf Club*, aquelles que no Chiado atiravam tremoços, como as catapultas arrojavam pedras, viessem depois para a Avenida distribuir camelias e violetas sobre os collos femeninos, e distribuí-las com a delicadeza, o cuidado, o quasi temor de quem tem a alta comprehensão d'aquella phrase gentilissima: «n'uma mulher não se bate nem com uma flor!»

Francamente, que achámos demasiada aquella corteza de atirar raminhos de flores com a regularidade, o methodo, a precisão de quem receia quebrar as ventas ao seu semelhante.

Ficámos até preplexos sobre se, um tão notavel contraste na forma de atirar tremoços e violetas, em vez de ser influencia de local não seria antes deficiencia de noções botanicas...

— Quem sabe, pensámos nós, se estes elegantes mancebos imaginam que o tremoço é uma florinha delicada, da familia dos myosotis e que, como tal, se pode despejar ás saccas sem offender o chapéu alto de cada um, ao passo que um raminho de violetas equivale a uma carrada de aboboras meninas, que fôra brutal arremear sobre o collo das meninas que não são aboboras...

Nos theatros, durante as representações, a bisnaga desempenhou um papel ainda mais importante de que os proprios protagonistas das peças!

O publico de Lisboa convenceu-se finalmente de que uma recita carnavalesca não requer propriamente a concentração de espirito nem a gravidade de attitudes proprios de um sermão de lagrimas, e assim desatou a bisnagar a torto e a direito, este esguichando a ingenua fulana, aquelle seringando a dama central beltrana, cada um consoante o seu fraco ou as suas predilecções...

Pôde afoitamento dizer-se que a bisnaga tocou as raizas do delirio.

Desconfiamos mesmo que chegou a tocar mais alguma coisa, porque houve sujeito a quem a agua da metropole—devidamente chirmada em agua de *colonia*—saía pelo atado das ceroilas, depois de lhe haver entrado pelo peitilho da camisa!

E o mais curioso é que a propria agua se divertia n'essa evolução, aproveitando o ensejo de tambem se mascarar...

Em um dos theatros ouvimos nós o seguinte dialogo, travado entre a agua que pingava das ceroilas d'um sujeito e a bisnaga que a vertera no coleirinho do mesmo sujeito:

— Adeus, ó bisnaga! não me conheces?...

A bisnaga, muito intrigada, mirando a agua desde a cabeça até os pés:

— Não! não te conheço... A voz não me é estranha... Parece-me que já a ouvi uma vez ao pé da torneira do contador... Mas não te conheço; palavra de bisnaga!

Havia de conhecê-la boas coisas; se a agua entrára branca de neve pelo colleirinho abaixo e agora saía das ceroilas mascarada de preto como um chamiço...

E agora encerremos a chronica, já porque não temos mais que dizer—tão exuberante de assumptos foi a semana carnavalesca—já por ser hoje o dia em que nós costumamos jantar com um nosso amigo que é escrivão da Boa Hora.

E que jantarão que nos espera! E' obra para sairmos de lá depois da meia noite, abarrotando de bons bocados, e, sobretudo, extremamente penhorados por aquella proverbial amabilidade do dono da casa, a qual amabilidade, na maioria dos casos, não passará d'uma figura de rhetorica, mas que, no nosso caso e na casa do nosso amigo escrivão é um facto averiguado—todas as quartas-feiras de cinza.

E d'esta amabilidade terá o leitor uma prova, se tiver um amigo escrivão da Boa Hora, e poder ter a felicidade de jantar hoje em casa d'elle.

Assim como, em casa de cortador, se deve ir jantar n'um sabbado d'alleluia; em casa de ministro da fazenda, em dia de votação d'emprestimo nacional; em casa de prior, no dia d'um enterro que tenha mettido berlinda e coche; assim tambem, para jantar em casa de escrivão da Boa Hora, se deve escolher a quarta-feira de cinzas, que constitue, pelo numero de multas impostas e de fianças exigidas, o faustoso jubileu d'aquella santa gente...

Vamos pois jantar a casa do nosso amigo escrivão e lá beberemos um copo de Porto generoso á saude do leitor...

Ficámos roubado!

D'esta vez não abiscoitámos nem jantarão nem amabilidade do dono da casa!

O nosso amigo escrivão recebeu-nos com uma cara de palmo e meio e uma talhada de cosido apenas de meio palmo.

Perscrutando as razões causas d'aquella superabundancia do rosto duro e d'aquella deficiencia de carne igualmente dura, viemos a saber que o nosso citado amigo tivera hoje no seu cartorio apenas um caso de transgressão, succedendo-lhe para mais aggravado não poder ser exigido o pagamento da fiança ao auctor d'essa transgressão!

Imagine o leitor que o parcho de uma das freguezias de Lisboa levára a familia para a janella da sacristia, d'onde se gosava perfeitamente o que passasse na rua, que era uma das mais animadas na terça feira de entrudo.

Lá a folhas tantas, os pequerruchos do prior—isto é, da respectiva familia—inspirados pelo que tinham

visto praticar ás janellas do *Turf Club*, desatam a atirar para a rua com os côtos de cera, o sisco do thuribulo, o vinho das galhetas, tudo, emfim, quanto pilhavam na sacristia! Estavam quasi resolvidos a atirar com o proprio sacristão, quando o policia que fazia serviço na rua e presenciara o attentado dos côtos, do sisco e das galhetas, bateu violentamente á porta da sacristia:

—Truz! truz!

—Quem é? perguntou de dentro o sacristão que estivera por uma unha negra a baldear da janella abaixo.

—Abra em nome da lei! intimou o guarda com a voz grossa das occasiões solemnes e do vinho do Samouco.

—Quer *qu'abra*? aproveitou o sacristão (que é primo do Mendonça e Costa) para fazer um appellido do sr. seu primo. E abriu.

—Como se chama o dono ou dona d'esta casa? inquiriu o policia.

—Ora essa! Isto aqui é a casa de Deus! retrocou o sacrista fazendo a mesura do estylo.

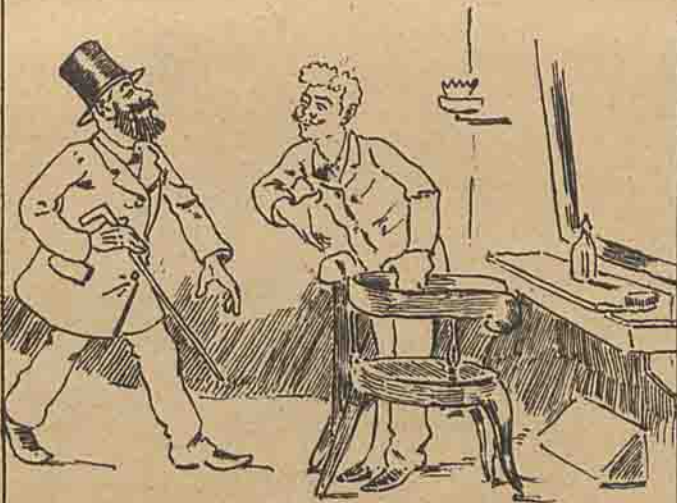
O policia tomou nota no seu caderno e foi esta manhã, contente como um rato, pedir as alviçaras da autoção ao tal nosso amigo que é escrivão da Boa Hora!...

E aqui está porque o nosso amigo tinha hoje—contra o costume de todas as quartas-feiras de cinza—uma cara de palmo e meio e um taçalho de cosido apenas de meio palmo.

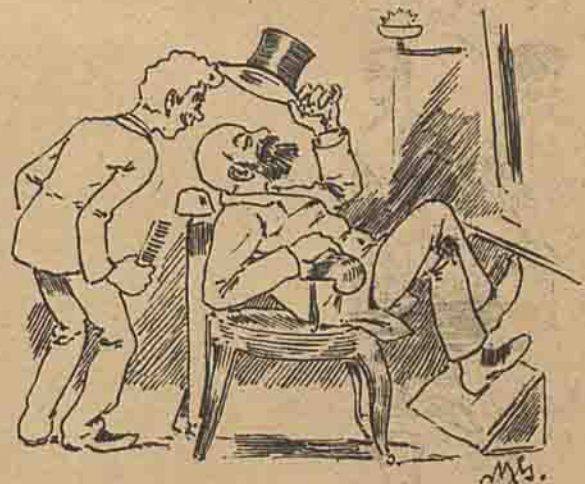
E o peor foi que, dando-se a transgressão n'uma sacristia, onde por certo não faltam cruces, o nosso amigo não visse as cruces ao dinheiro e nós ficassemos a fazer cruces na bocca...

PAN-TARANTULA.

## NO BARBEIRO



—Deseja fazer a barba... sim?...



—Não! Apenas uma penteadella...

## CUMBERLANDISMO

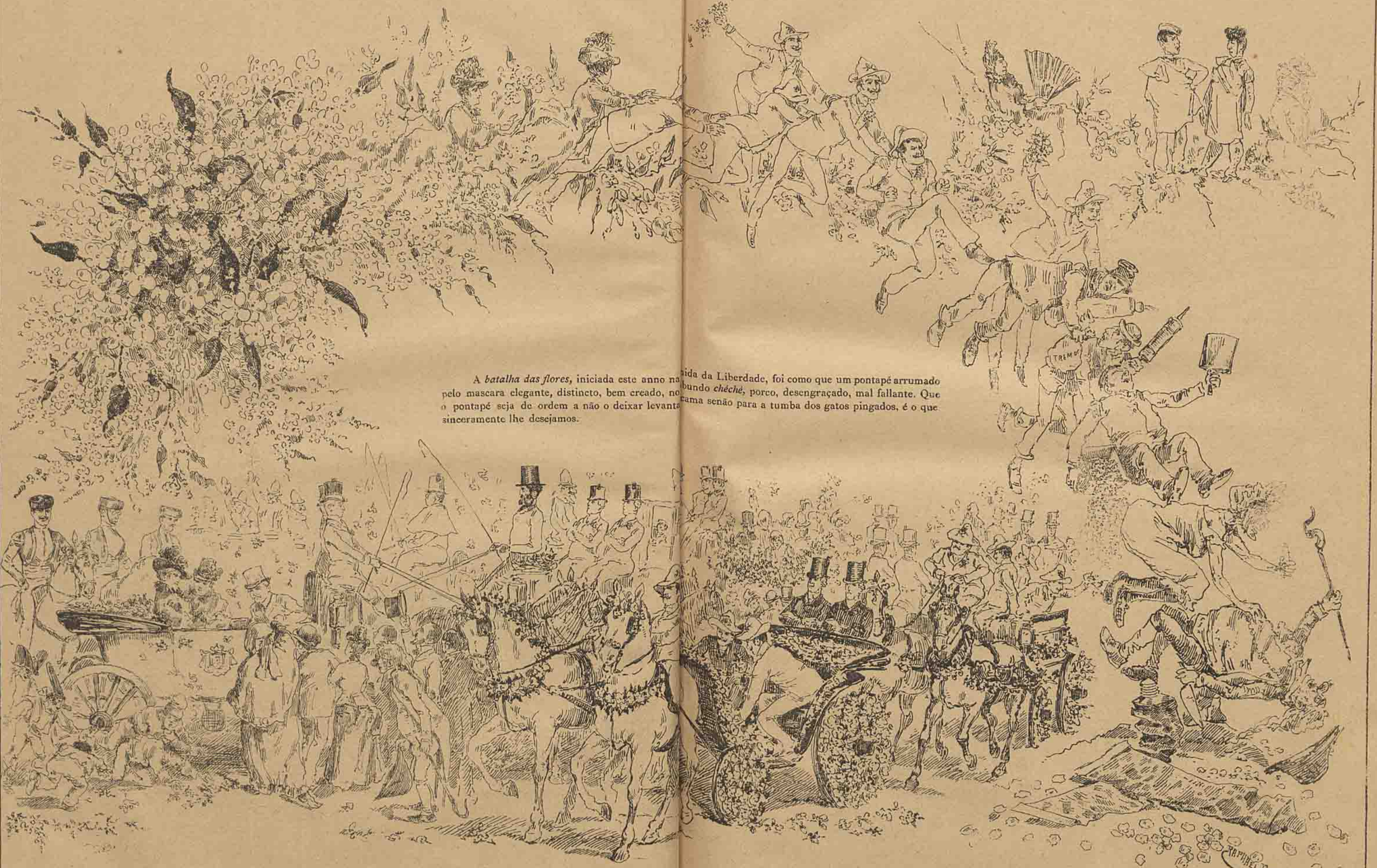
N'este enorme viveiro que se chama a terra e em que cada paiz representa um passaro, soube a natureza esperta conceder a cada um d'esses passaros trilo differente e plumagem variegada, afim de evitar quanto possivel as luctas do despeito, as guerras do ciume, as brigas da inveja, tão peculiares entre officiaes do mesmo officio.

Se todos cantassem pelo mesmo estribilho não faltariam rivalidades e era pancadaria de criar bicho.

Assim, já não se afrontam reciprocamente, e a vaidade faz o resto, pois que cada um anda persuadido da sua superioridade sobre os demais.

Este canta a agricultura; aquelle a industria; est'outro o commercio; aquell'outro as artes; cada um a seu gosto e conforme a sua especialidade.

# O CARNAVAL DE 1887



A batalha das flores, iniciada este anno na Avenida da Liberdade, foi como que um pontapé arrumado pelo mascara elegante, distinto, bem creado, no bundo chéché, porco, desengraçado, mal fallante. Que o pontapé seja de ordem a não o deixar levantar a cabeça para a tumba dos gatos pingados, é o que sinceramente lhe desejamos.

RAPHAEL BORGUES PINHEIRO

Portugal é que não tem especialidade conhecida, porque a natureza se esqueceu de lhe distribuir voz própria.

Isto é, tem uma especialidade: a do chamariz, imitando como pode o canto de todos os outros passaros.

De novo, de original, de nunca visto, quem diz lá que se invente para ahí uma só coisa?

Mas, a respeito de imitação, devemos confessar que ninguém nos leva a barra adiante...

Chega uma artista americana que passa tres minutos debaixo d'agua sem tomar o folego: apparecem logo dois mergulhadores portuguezes que fazem a mesma coisa durante cinco minutos!

Vem um andarilho italiano que atravessa em meia hora do Terreiro do Paço até Algés: surgem logo dez andarilhos portuguezes que correm no mesmo espaço de tempo da Ribeira Velha até ao Dá-Fundo!

Mostra-se um prestidigitador francez que faz desaparecer uma mulher magra á vista da multidão: descobrem-se logo trinta curiosos portuguezes que fazem desaparecer cinco homens gordos á vista da mesma multidão!

Apresenta-se um magnetizador inglez que adivinha o pensamento a meia duzia de pessoas: desvendam-se logo noventa magnetisadores portuguezes que adivinham o pensamento a um regimento de pessoas!

\* \* \*

E' este ultimo caso que se está dando em Lisboa depois da visita do adivinho Cumberland.

Já todos adivinham e muito melhor de que elle, podemos affiançar-o rasgadamente, pois que nós proprio fomos dos primeiros a realisar essas experiencias!

Ainda Cumberland não trabalhára diante do publico de Lisboa e já nós executavamos esses trabalhos na presença d'um grupo selecto, de que faziam parte

Alfredo Ribeiro, que era um descrente de primeira ordem, e o prior de uma das freguezias de Lisboa, que era descrente de ordein ainda superior, mas que não teve remedio senão dar as mãos á palmatoria victoriosa do nosso cumberlandismo!

No sabbado gordo executámos sete ou oito experiencias no theatro de D. Maria, no camarim de Amelia da Silveira, essa formosa artista que é um verdadeiro bouquet de nervos — medico-madrigalescamente fallando — e que por isso se impressionou bastante do nosso cumberlandismo.

Qual seria porém o nosso espanto, quando, ao voltar allí na segunda feira immediata, encontramos Amelia da Silveira executando o mesmo genero de trabalhos, e com uma superioridade tal de perfeição que nos obrigou a metter immediatamente a nossa viola, isto é, o nosso cumberlandismo no sacco!

\* \* \*

E a estas horas, estamos certo, já nove decimos de Lisboa teem a sciencia de Cumberland mettida de portas a dentro.

Assim como no numero antecedente explicámos ao leitor a maneira de executar aquelle genero de trabalhos, assim hoje lhe aconselhamos a maior fiscalisação, sempre que elles tenham logar em sua casa, e muito especialmente quando o adivinho seja rapaz desempenado — e execute o papel de *sujet* alguma das senhoras da familia.

Será bom não os deixar sair da sala com o pretexto de que o objecto pensado está n'um dos quartos contiguos; sobretudo quando o corredor não tiver candeeiro de petroleo...

Em experiencias de magnetismo todas as cautelas e todos os candeeiros de petroleo são poucos...

PAN-TARANTULA.

### O SARAU DO REAL GYMNASIO CLUB



Quando, muito recentemente, começou a adoptar-se nos collegios portuguezes o ensino da gymnastica e principiam portanto a apparecer por ahí os professores d'aquella arte, esses desventurados professores eram encarados pelas mães de familia com um horror apenas comparavel ao que experimentavam os filhos da mesma familia quando esbarravam de chapa com o limpa-chaminés.

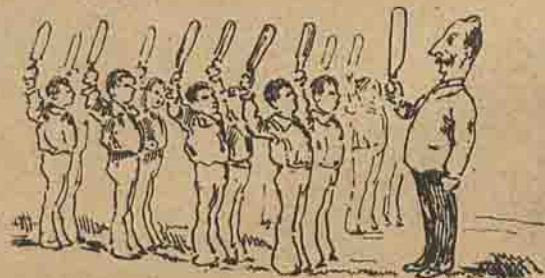
—Que monstro! pensavam as amoraveis mães, estremeccendo até os tutanos, em vendo um professor de gymnastica; é preciso ter o coração mais duro de que um calhau, para ganhar a vida torcendo os braços e as pernas ás creancinhas...

Porque a verdade é que todas essas amoraveis mães viviam persuadidas de que a gymnastica escolar consistia, primeiro de que tudo, em fazer aos braços e ás pernas das creancinhas o mesmo que a lavadeira de



Caneças costuma fazer aos lençoes da cama e ás rodilhas da cosinha: torcel-as e retorcel-as, até lhes dar a forma d'um sacarrolhas!

Ora os trabalhos executados no brilhante sarau do Real Gymnasio Club pelos discipulos da Escola Academica e do collegio Arriaga, onde ensina o distincto professor Monteiro, vieram demonstrar ás assustadas mães de familia que a gymnastica escolar não torce coisa nenhuma a pessoa alguma, e que, mediante a aprendizagem d'essa gymnastica, os seus enfesados pequeruchos se transformam n'uns rapazes desempenados, sem se transformarem n'uns palhaços de circo, como todas erradamente imaginavam.



## PANDEGO A FORÇA

### MEIA NOITE

— Diabo! o entrudo acaba, e eu sem mostrar que sou um pandego!... Mas como?...



### UMA HORA

— Ora como?! Assim mesmo! Mascarado de pierrot, e toca para o delirio do baile!



### UMA E UM QUARTO

— Nada! Estou muito murcho... Isto não vae sem um copinho de genebra...



### UMA E VINTE

— O moiro chama-me estúpido, a pastorinha chama-me besta... Decididamente estou muito murcho...



### UMA E VINTE E CINCO

— Isto já não vae sem um copinho de granito estomacal!



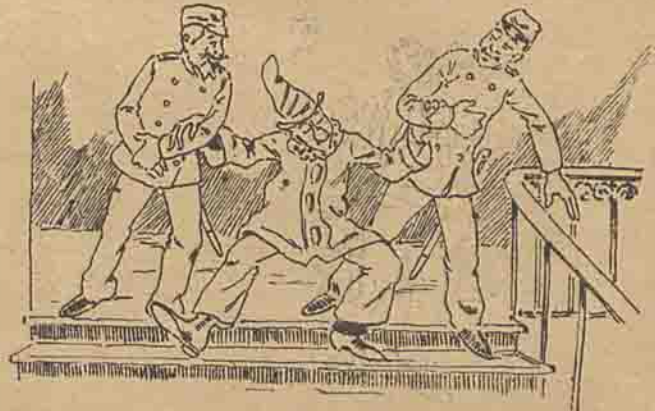
### UMA E MEIA

— Agora, que o espirito começava a chegar-me á cabeça e eu principiava a chegar-me para as mulheres, é que este diabo me chega a roupa ao corpo!... Isto já não vae sem um copinho de absyatho!



### UMA E TRINTA E CINCO

— E agora, que eu estava tão quentinho, é que a policia me põe ao fresco!



### DUAS HORAS

— Não me faltava mais nada, senão uma sova de minha mulher... Isto é, falta-me ainda uma sova de minha sogra...



## CASOS, TYPOS E COSTUMES

## A PROVINCIA EM LISBOA

Vindo lá da sua terra,  
Eil-o em Lisboa, o Themudo,  
Resolvido a andar na berra  
Durante os dias d'entrudo.



Com bisnagas sempre em barda,  
A bisnagar toda a gente,  
Leva um murro e rectaguarda,  
Leva outro murro na frente.



E como, em voz alta, exprima  
Palavrão pouco cortez,  
Não cae por pouco—inda em cima—  
Nas unhas do 33...



Ao vêr um pagem perfeito,  
Co'o peito amostra, sem roupa,  
P'ra fazer pulsar-lhe o peito,  
Põe-lhe o peito n'uma sopa...



Cada um co'a sua turca,  
Vão p'ra o baile ás dez e um quarto,  
—Era polka, era mazurka,  
Era valsa que te parto!...



Com ella, prompta a seguil-o,  
N'um gabinete penetra.  
Segue-se a ceia do estylo:  
Ostras, vinho... e tal et cet'ra...



Quando ao moço da taberna  
Paga a conta o papa-assorda,  
O pagem passa-lhe a perna  
—Que, por signal, é bem gorda...



E elle pensa, após a ceia,  
Na mais pungente arrelia:  
—Fica ao outro a bolsa cheia  
E eu levo a bolsa vazia!

PAN-TARANTULA.



M. Gustavo Dorvalto Pinho